

MANUEL DA SILVA ROSA

PORTUGAL E O SEGREDO
DE COLOMBO

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

© 2019

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título original: *Columbus the Untold Story*

Título: *Portugal e o Segredo de Colombo*

Autor: Manuel da Silva Rosa

Tradução: Lurdes Feio

Revisão: Silvina de Sousa

Paginação: Maria João Gomes

Capa: Vera Braga/Alma dos Livros

Imagens de capa: Library of Congress (EUA) e Shutterstock

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal:

1.ª edição: março de 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Índice

Agradecimentos	7
Introdução: Um homem, um mito e uma missão	9
Parte I – Os pontos cardeais	
Capítulo Um: Ciência, secretismo e soberania	15
Capítulo Dois: Os ventos de mudança do Atlântico	26
Capítulo Três: Papas, políticas e partidos	54
Capítulo Quatro: Dois reinos, uma guerra	78
Capítulo Cinco: <i>Príncipe Perfeito é rei feito</i>	90
Parte II – Alinhando o horizonte	
Capítulo Seis: O mito de um colombo italiano	115
Capítulo Sete: Um pombo de Génova, ou um membro de Portugal?	151
Capítulo Oito: Um testamento sem fundamento	178
Capítulo Nove: Na pista do sangue	210
Capítulo Dez: Erros de conceção, desconfianças e enganos	247
Capítulo Onze: A burla da Índia a ocidente	301
Capítulo Doze: Uma equipa de espões infiltrados	332
Capítulo Treze: A armadilha de Tordesilhas	369

Parte III – Além do horizonte

Capítulo Catorze: Nacionalidade e patriotismo	401
Capítulo Quinze: O derradeiro templário	441
Capítulo Dezasseis: O mistério de Don Tivisco	474
Capítulo Dezassete: Filho oculto de um rei eremita	494
Epílogo	565
Conclusão	573
Apêndice	576
Notas	585

Agradecimentos

*Três podem guardar um segredo,
se dois estiverem mortos.*

Benjamin Franklin

Uma investigação como esta, que nos ocupa meia vida, teria sido impossível de concretizar sem o valioso contributo de diversos amigos e desconhecidos com quem me cruzei à volta do mundo. Há naturalmente centenas de pessoas a quem devo bastante. Na impossibilidade de aqui as mencionar todas, porque seria injusto referir-me a umas e esquecer muitas outras que, de ambos os lados Atlântico, comigo colaboraram e me encorajaram, questionando, argumentando e, acima de tudo, ajudando-me a distinguir os factos da ficção, deixo aqui um enorme obrigado a todos.

Com três exceções, que decerto compreenderão porque terei de os citar. Sinto-me particularmente grato à minha mulher, pela compreensão que demonstra quanto à obsessão por Colombo, que me roubou imenso tempo, que deveria ser dedicado à família, ao Dr. Piotr Chomczyński, que me proporcionou a oportunidade de publicar a primeira edição em língua inglesa, em 2016, e ao professor Joaquim Veríssimo Serrão, pelo seu apoio à minha investigação.

Também estou imensamente grato pelo apoio que tenho recebido por parte dos leitores a nível mundial. As vossas mensagens junto dos cétricos para que leiam o livro antes de o julgarem, bem como os inúmeros comentários que continuam a chegar-me através de *websites*, blogs, artigos e *e-mail*, têm constituído um valioso contributo para a mudança que se impõe.

Muito OBRIGADO a todos vós! E bem-hajam!

MANUEL ROSA

Introdução

UM HOMEM, UM MITO E UMA MISSÃO

Há tempos de coruja e há tempos de falcão.

D. João II

A vida de «Colombo» era um imenso mistério construído com o propósito de manter o mundo em geral às escuras sobre a sua identidade, com exceção de uns poucos escolhidos, que sabiam da verdade. A sua vida foi um labirinto que enganou muita gente por mais de 500 anos. Alguns foram induzidos a aceitar mentiras, outros a descartar verdades.

Aclamado como herói nos seus dias, foi ainda armado cavaleiro da espada dourada e agraciado com fama e glória de tal forma que poucos seres humanos o conseguiram suplantar.

O que apresento aqui é um conjunto de informações que ajudam o leitor a entender quem era o homem a quem chamamos Colombo e o que de veras fazia em Castela.

Esta narrativa segue uma linha de orientação específica que prepara o leitor, passo a passo, com uma sucessão de factos que o ajudarão a tirar as suas próprias conclusões.

O famoso descobridor não viveu numa bolha. Naquela época, como hoje, muita coisa acontecia em simultâneo, não só na sociedade em que ele se inseria, mas também noutras partes do mundo de então. E nesse tempo, como na atualidade, havia heróis e vilões, amigos e inimigos, belicistas e pacifistas, gente que era sacrificada por uma causa e gente

que se sacrificava por uma causa. Então, como hoje, havia agentes do mal e agentes do bem, e em muitos casos, havia agentes duplos que, pela natureza da sua missão, tinham de ter um lado mau e outro bom.

O descobridor passou a primeira parte da sua vida em Espanha como agente duplo, ao serviço do rei D. João II, de Portugal, e, nessa qualidade, ele foi um agente do mal quando tal era necessário. O descobridor da América pode bem ter sido o melhor agente duplo da História, porque conseguiu manter o seu segredo durante mais de 500 anos. Não somos os primeiros a declarar que ele era um agente duplo, mas nunca fora possível reunir as evidências que o comprovam tão bem como vai ser, agora, desvendado neste livro.

Diziam que contava 25 anos quando chegou a Portugal, sem trazer nada de seu, era analfabeto e resolveu tornar-se autodidata, aprendendo sozinho a ler e a escrever em português, espanhol e até latim. Mas como ainda não estava satisfeito com o facto de saber línguas, o nosso herói também decidiu aprender cosmografia, geografia, álgebra, geometria, cartografia, teologia e navegação. E assim aprendeu sozinho sobre todos estes assuntos.

Foi desta forma que, com incrível força de vontade, persistência, ignorância e muita sorte, o humilde plebeu Cristoforo Colombo, tecelão de Génova, se transformou num nobre da mais alta estirpe de Espanha, D. Cristóvão Colon, armado cavaleiro da espada dourada.

Muitos de nós leram esta espantosa história da vida do descobridor da América no ensino básico, e acreditaram. Mas, hoje, ela só pode parecer-nos o conto mais inacreditável e sem pés nem cabeça que alguma vez nos impingiram, fabricado sem recurso, sequer, a uma fada madrinha ou a personagens do Walt Disney.

Esta história soa-nos, hoje, tão inverosímil precisamente porque tudo o que acabaram de ler sobre a vida de Cristóvão Colon não passa de uma monumental mentira.

Não foi fácil chegar a este ponto. Toda a gente que rodeava este homem, de reis a amigos, mentiu acerca da sua identidade.

Em 1991, ao trabalhar na tradução do livro de Mascarenhas Barreto, descobri quem era a esposa do descobridor da América – Filipa Moniz, filha de um cavaleiro português e capitão da ilha de Porto Santo, na Madeira. Rapidamente comecei a perceber que a vida de Cristóvão Colon

não poderia resumir-se a uma história de meras más interpretações. Aquilo era mais um cenário de crime a analisar, abrangendo muitas complicitades. Acredito que, no fim, o leitor aceitará, como eu aceito, que o imenso mistério que envolvia a vida e a missão do navegador está, finalmente, resolvido.

A primeira confusão relacionada com o nome Cristóvão Colombo consiste no erro de tradução grosseiro do pseudónimo adotado pelo descobridor, e que era Cristóvão *Colon*. O argumento que sustentava o «Colombo italiano» provou ter tantos buracos que se afundou, em 2004, graças à intervenção da ciência forense. Em 2002, dois professores de Sevilha, Marcial Castro Sánchez e Sergio Algarrada, decidiram realizar testes de ADN às ossadas de Cristóvão Colon. Os investigadores começaram por levantar as ossadas que se julga pertencerem a D. Diego Colon, o irmão mais novo de D. Cristóvão. No dia 2 de junho de 2003, os investigadores colheram, finalmente, as ossadas que se acredita pertencerem a D. Cristóvão Colon e as do seu filho D. Fernando (os únicos restos mortais cuja origem não oferece dúvidas), ambos sepultados na Catedral de Sevilha.

O professor José Lorente dirigiu os testes de ADN na Universidade de Granada e eu participei com material genético para ser testado no âmbito desse estudo.

O tecelão Cristoforo Colombo nada tinha em comum com o nobre D. Cristóvão Colon, além da semelhança de nomes. Estivemos, até hoje, perante um caso de erro de identidade.

As sementes desta confusão foram lançadas quando Cristóvão Colon assumiu este pseudónimo, quase dez anos antes de ter navegado, em 1492. Em 1486, já grassava a confusão em Espanha, onde se escrevia que o nome adotado por Colon era «Colomo», mas a sua nacionalidade aparecia registada oficialmente em Castela como portuguesa. Independentemente do que os livros de história escreveram, Cristóvão Colon nunca admitiu a estranhos onde nascera ou quem era a sua verdadeira família.

Embora D. Cristóvão Colon seja o tema principal deste livro, seria impossível resolver todo este mistério sem traçar um retrato alargado do clima político que o rodeou em vida, incluindo os segredos da navegação portuguesa, que também devem ser considerados.

Só há uma verdade histórica, embora existam muitas formas de as pessoas a (re)escreverem. Todos nós procuramos a verdade. Como meio de promover a troca de novas informações, quer entre os estudiosos quer entre os leigos, o meu *website* em <http://www.Manuel-Rosa.com> contém um *link* para um blogue e um endereço de *e-mail*, de forma a permitir que os interessados neste mistério histórico possam participar no debate.

Demorou 500 anos a construir uma mentira e duas décadas de investigação a desmascará-la. O homem que conhecemos erradamente como Cristóvão Colombo chamava-se a si mesmo Cristóvão Colon em Espanha, para esconder a verdadeira identidade. Ele partiu de Portugal para Castela numa missão secreta ao serviço do rei português. Essa missão consistia em manter a Espanha entretida em zonas distantes da rota da verdadeira Índia, e assim proteger o monopólio de Portugal. Cristóvão Colon não era o único agente secreto que D. João II tinha empregado neste esquema contra Castela, e alguns são identificados nesta obra, embora muitos jamais serão sequer descobertos.

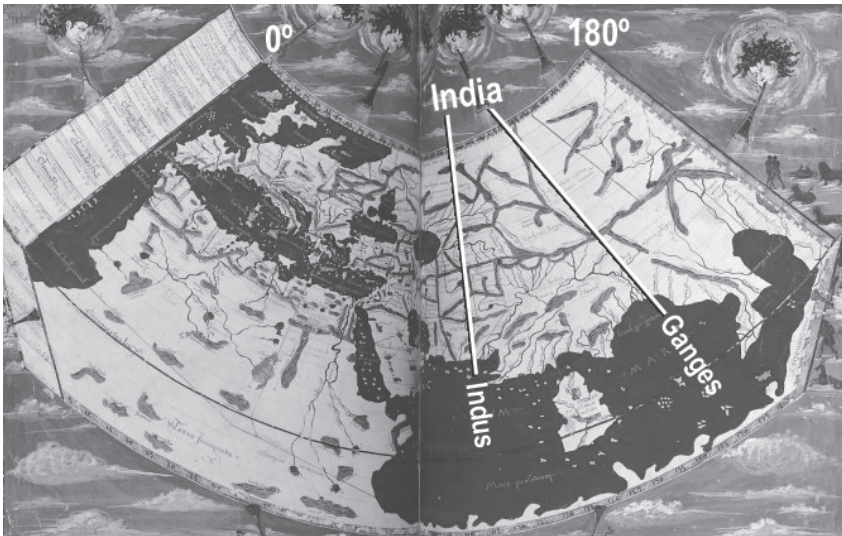
E agora, a pergunta: quem foi, afinal, Cristóvão Colon, se não era filho de modestos tecelões de Génova?

O labirinto que criaram no fim do século xv e início do século xvi serviu na perfeição para manter essa identidade secreta. Posso afirmar com grande confiança que o mistério da verdadeira identidade do descobridor está resolvido. Muito longe de ser um modesto tecelão, D. Cristóvão Colon nasceu príncipe de sangue real, mas, por imposição do pai, foi forçado a ocultar a sua linhagem.

Isto e muito mais encontra o leitor nas páginas que se seguem. Desejo-lhe uma boa viagem através desta grande aventura na procura da solução de um imenso mistério da história da humanidade.

Parte I

OS PONTOS CARDEAIS



Mapa de Ptolomeu do ano 150 e impresso no livro *Geographia*, publicado em Roma, em 1478, edição que Cristóvão Colon possuía. *Vide* apontamentos a branco da nossa autoria, com indicação dos limites da Índia, então situada entre a foz do rio Indo, a ocidente, e o rio Ganges, a oriente.

Capítulo Um

CIÊNCIA, SECRETISMO E SOBERANIA

*Mesmo que eu saiba pouco, não sei quem me tenha por tão torpe
que eu não conheça que, mesmo que as Índias sendo minhas,
que eu não me poderia sustentar sem ajuda de algum Príncipe.*

D. Cristóvão Colon

O que desconhecemos acerca da história da humanidade ultrapassa largamente aquilo que sabemos. Mas o facto de não conhecermos alguns eventos não significa que eles não se tenham registado. Além disso, a maioria das narrativas é da autoria dos vencedores, no intuito de propagarem a sua versão e silenciarem a voz dos derrotados. Os vencidos raramente conseguem deixar registo da sua versão dos acontecimentos.

Quem detém o controlo da pena e dos arquivos é livre de escrever, censurar, falsear e deturpar os eventos para seu benefício e glória. A deturpação e a censura feitas pelos vencedores não permitem uma visão rigorosa dos factos históricos, antes os falseiam. E nada ilustra melhor o que acabamos de afirmar do que a fábula posta a circular de forma generalizada sobre a vida e os feitos do descobridor da América, o almirante e vice-rei D. Cristóvão Colon (ver figura 1.1).

O descobridor da América, erradamente chamado Cristóvão *Colombo*, não era aquele navegador imbecil, perdido num mar negro de ignorância, convencido de que descobrira a Índia na metade do mundo oposta à sua verdadeira localização, como alguns teimam em afirmar.

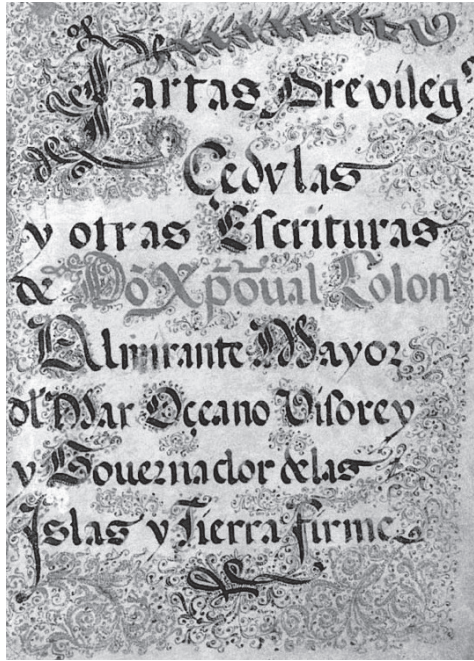


Figura 1.1: Frontispício de um dos quatro *Livros dos Privilégios* de Cristóvão Colon, composto pelo descobridor em 1502, no qual constam *Cartas, Privilégios e outras Escrituras de D. Xpõval Colon, Almirante-Mor do Mar Oceano, Vice-Rei e Governador das Ilhas e Continente*. Os documentos oficiais demonstram que o seu nome era D. Xpõval Colon (D. Cristóvão Colon).

O mal-entendido gerado à volta do seu bem planeado ardil, associado a erros de interpretação sobre alguns factos da sua vida, deu origem à pseudo-história de «Cristóvão Colombo», amplamente difundida até hoje.

O tema Cristóvão Colon não é fácil de apreender através da simples leitura de dois ou três livros de história, sobretudo quando esses livros são resultado de deficientes investigações, de ausência de documentação credível, fundamentados em documentos que os próprios autores admitem serem tidos como duvidosos. Não. Para podermos entender quem foi, realmente, Cristóvão Colon e o que ele pretendia alcançar com a sua famosa viagem de 1492, temos de nos debruçar a fundo no tempo histórico em que o navegador viveu e no contexto sociopolítico do reino.

Antes de se apresentar em Castela, em 1484, Colon casou-se e residiu em Portugal, tendo adquirido aí a sua vasta experiência em navegação

no Atlântico. Também era muito bem relacionado na Corte, por razões que se compreenderão adiante.

Para melhor percebermos o que de facto aconteceu em 1492, impõe-se, pois, analisarmos a fundo as circunstâncias históricas e o contexto sociopolítico que rodeavam Cristóvão Colon. Passar em revista os factos, deslindar os testemunhos históricos e tentar decifrar a verdade foram os nossos objetivos ao longo dos últimos 27 anos de investigação. Esta pesquisa envolveu o estudo de mais de 3000 livros (muitos deles contraditórios), de documentos, cartas e crónicas escritos em muitas línguas e reinos, bem como versões de obras pertencentes ao próprio Colon.

Cristóvão Colon, tal como Duarte Pacheco Pereira, Martin Behaim (Martinho da Boémia), Jaime Ferrer e outros do seu tempo, foi um cientista louvado por D. João II, um erudito que estudou imenso, que lia e anotava muitos dos livros que possuía, entre eles a *Geographia* de Ptolomeu, publicada em Roma em 1478, e cujo fac-símile, datado de 1991, eu próprio adquiri para poder passá-lo em revista.¹

Durante o reinado de D. João II (1481-1495), a navegação no oceano Atlântico atingiu o ponto mais alto conhecido até então na Europa. No âmbito do grande projeto científico nacional no domínio oceanográfico, foram aperfeiçoados navios, exploradas novas rotas, mapeados ventos e correntes marítimas, ampliada a arte da navegação e modificados ou inventados instrumentos náuticos inéditos.

Nesse período, nenhuma outra pessoa, em toda a Europa, possuía melhor informação sobre o Atlântico e os segredos da sua navegação do que D. João II, ao serviço de quem Cristóvão Colon navegou até 1484 e ao qual, por sua vez, o rei também consultava com frequência, mesmo estando Colon já a viver em Castela. Os conhecimentos gerais de Portugal sobre a ciência da navegação não tinham paralelo no século xv.

A fim de proteger os conhecimentos náuticos do reino, as suas pretensões no Atlântico e o monopólio do comércio com África, D. João II recorreu a intrincados esquemas de desinformação ardilosa e ao secretismo. O monarca participou em experiências militares como forma de aperfeiçoar os navios e equipamentos de artilharia. Partiu dele a ideia de equipar pequenos veleiros com grandes canhões, bem como o truque de disparar balas de canhão ao nível da superfície do mar, produzindo deste modo um efeito que iria atingir os navios inimigos junto à linha de água:

*Aqui em Setúbal, com muitas experimentas que fez achou e ordenou em pequenas caravelas andarem muito grandes bombardas e atirarem tão rasteiras que iam tocando na água. E ele foi o primeiro que isto inventou.*²

Estamos perante duas invenções de enorme utilidade, porque uma pequena embarcação militarizada, basicamente um canhão flutuante, além de ser um alvo difícil de atingir, conseguia navegar em círculos à volta do navio maior, e um barco atingido por uma bala de canhão junto à linha de água rapidamente se afundaria.

Para compreendermos a viagem de Colon, em 1492, e a importância deste navegador no auge da era dos Descobrimentos, temos de mergulhar no ambiente em que ele e D. João II viviam, em termos de conhecimento científico naval, das investidas por mar em busca do fim do mundo, e do poder e influência do rei nesses assuntos, que eram rodeados do maior secretismo em Portugal. Isto a par da complicada geopolítica em que o país se achava envolvido, não só na Europa, mas também em África, no Médio Oriente e na Ásia. Sem levarmos em consideração estes aspetos, torna-se impossível perceber a afinidade entre D. João II e o mais afamado dos navegadores, a quem couberam os créditos e a fama da descoberta da América, em 1492: o vice-rei e almirante D. Cristóvão Colon.

Mas para entrarmos no espírito do Portugal de D. João II, da Espanha da rainha D. Isabel e da vida de Cristóvão Colon, não podemos cingir-nos ao dia 3 de agosto de 1492, data em que este navegador levantou âncora e içou velas, numa aventura destemida pelo imenso azul do Atlântico.

Tão-pouco podemos iniciar a história da vida de Colon recuando apenas 72 anos, até à data em que o infante D. Henrique assumiu a chefia da Ordem Militar de Cristo e se tornou líder dos cavaleiros templários. Nem nos basta, sequer, começar pela proclamação da independência de Portugal pelo rei D. Afonso Henriques, em 1139. Impõe-se que recuemos até ao primeiro trabalho escrito na Europa sobre a geografia do mundo que habitamos

Na *Geographia* de Ptolomeu, que Colon possuía e que tinha sido escrita por volta de 150 d. C. (Claudius Ptolemaeus, algures entre 87-170 d. C.), o autor demonstrava que, muito antes do seu tempo, já os antigos marinheiros haviam navegado no mar Mediterrâneo, no mar Báltico, no mar Vermelho e no oceano Índico, e tinham ido tão longe

no Atlântico Noroeste, que atingiram uma ilha conhecida como *Última Thule*: a atual Islândia.

Esta ilha, localizada cerca de 1000 quilómetros a oeste da Inglaterra, correspondia ao limite do mundo então conhecido, para ocidente. No entanto, os livros de história afirmam repetidamente que seria impossível Colon ter navegado além da Islândia em 1477, contrariando o que o próprio alegou ter feito, em cartas escritas pelo seu punho.

Como está comprovado, anterior ao ano 150, 1342 anos antes da famosa primeira viagem de Cristóvão Colon, os europeus não só haviam chegado à Islândia, como a tinham circum-navegado e mapeado.

O facto de a Islândia ter sido visitada em tempos primitivos não deverá ser encarado como um dado insignificante, vindo que os marinheiros contemporâneos de Ptolomeu navegavam em navios menos evoluídos, tinham menos conhecimentos e instrumentos de menor qualidade do que os utilizados pelos portugueses, 1300 anos mais tarde, na época dos Descobrimentos.

Estes factos incontestáveis da história da humanidade contradizem, por si mesmos, as teorias comumente aceites por aqueles que insistem na tese de que, antes da famosa viagem de 1492, os navegadores não se aventuravam no alto-mar, limitando-se a navegar com *terra à vista*. Existem inúmeras provas de que os antigos marinheiros navegaram em alto-mar antes de 1492, e isto é particularmente verdadeiro no que respeita aos portugueses que, antes dessa data, haviam já navegado cerca de 1400 quilómetros para oeste, com o objetivo de reencontrarem e povoarem os Açores.

Os velhos marinheiros foram até à Islândia antes do ano 150 d. C., e os portugueses navegavam regularmente para os Açores no início do século xv.

O nosso passado, antes ignorado, está a ser progressivamente desvendado, graças às modernas tecnologias e à divulgação de inúmeros estudos oriundos de outros países. O primeiro colonizador norueguês na Islândia, Ingólfur Arnarson, construiu o seu solar na atual Reiquejavique, em 874. Assim, a Islândia era bem conhecida dos dinamarqueses e de outros povos nórdicos 600 anos antes da viagem de Colon. Escavações arqueológicas recentes, realizadas nas ruínas de uma cabana em Hafnir

revelaram que monges celtas conhecidos como *Papar* já habitavam aquela ilha por volta do ano 770.

Como tal, aquele cenário que apresentava Cristóvão Colon como tendo sido o primeiro europeu a alcançar terra no outro lado do Atlântico não faz o menor sentido, quando tomamos consciência dos factos científicos existentes, muitas vezes intencionalmente ignorados na biografia de Colon, factos esses que provam a realização de viagens por europeus até às Américas, ao longo de centenas, senão mesmo milhares de anos.

Ao contrário do retrato que dele se traça nos livros de história, Cristóvão Colon não era um lunático ignorante, mas sim um académico extremamente instruído para o seu tempo e muito experiente, que planeava tudo cuidadosamente. Ele sabia ler e escrever em várias línguas, incluindo latim, espanhol e português, e possuía inúmeros livros, numa época em que estes eram caros e não acessíveis a qualquer um. Atendendo às temáticas, estas obras são de extrema importância para quem quiser investigar a vida do navegador. Por exemplo, o *Livro de Marco Polo* e a *Geographia* de Ptolomeu.

Miles Davidson, em *Columbus Then and Now: A Life reexamined*, escreve que a *Geographia de Ptolomeu foi disponibilizada em manuscrito na Europa, em 1409, e impressa pela primeira vez em 1475, com mais cinco edições até 1492*.³ O exemplar que Colon possuía era da edição de 1478, publicada em Roma. Deste modo, podemos estabelecer que, em 1478, Cristóvão Colon conhecia, pelo menos, tanto sobre o globo terrestre como Ptolomeu 1300 anos antes. Colón, aliás, cita Ptolomeu por diversas vezes, confirmando que conhecia a sua obra, entre a de outros sábios.

A *Geographia* também contradiz a tese de alguns, segundo os quais Cristóvão Colon teria sido a primeira pessoa a aperceber-se de que o mundo era uma esfera. Os escritos do navegador comprovam a imprecisão de muitas afirmações contidas nos manuais de história, como, por exemplo, a de que ele foi o primeiro a descobrir que, se navegasse sempre em direção ao Ocidente, alcançaria o Oriente. Cristóvão Colon diz claramente no relato da sua terceira viagem:

Eu sempre li que o mundo, a terra e a água eram esféricos... Ptolomeu e todos os outros escreveram... sobre eclipses lunares e outras evidências... Ptolomeu e os outros sábios que escreveram sobre este mundo

*acreditavam que era esférico... Plínio escreve que o mar e a terra fazem toda uma esfera.*⁴

Como parece evidente, os estudiosos do tempo de Ptolomeu já tinham percebido que o mundo era uma esfera. E Pytheas de Massillia (Marselha) também já havia mostrado que a Terra era uma esfera, 500 anos antes de Ptolomeu. Ou seja, 1600 anos antes da viagem de Colon, os cientistas já conheciam a configuração da Terra.

Os marinheiros antigos usavam a Estrela do Norte, ou Polaris, como referência para determinarem a sua posição no mar. E navegavam com recurso a medições em graus que equivaliam aos 360 graus de um círculo. Como os 360 graus são uma constante em qualquer círculo da esfera, o único elemento que muda é o das milhas percorridas em cada círculo, à medida que nos afastamos do equador em direção aos polos. O círculo maior corresponde ao equador, enquanto os mais curtos são os dos polos.

Quanto mais nos afastamos para norte ou para sul do equador, menor é a distância em cada grau. No século xv, qualquer piloto instruído em geografia, matemática e navegação, como era o caso de Cristóvão Colon, conhecia bem estes factos, que faziam parte dos ensinamentos básicos da navegação oceânica.

Foi por Colon ter esse conhecimento especializado, sustentado em anos de experiência, que soube determinar a posição exata da caravela *Niña* sobre a esfera terrestre, de modo a perceber que *a ilha das Flores ficava na direção norte, e que a leste ficava Casablanca, em África, pelo que ele se encontrava a barlavento da ilha da Madeira*, como escreveu no seu *Diário de Bordo* a 10 de fevereiro de 1493.

Apenas quatro dias mais tarde, Colon atracava com a *Niña* na ilha de Santa Maria, nos Açores. Fica, assim, provado que os seus cálculos estavam corretos. Convém ter em mente que Colon foi capaz de calcular a sua posição, no dia 10 de fevereiro de 1493, depois de ter navegado durante 25 dias e percorrido mais de 4000 quilómetros em alto-mar, sem mais nada à vista no horizonte que não fosse água.

Já no ano 150, Ptolomeu conseguira entender a relação entre os graus e a superfície da esfera, assim como fizera uma boa estimativa da dimensão da Terra. Ao mapear metade do mundo, 180° das Canárias

à China, Ptolomeu forneceu as coordenadas para muitos outros locais do globo terrestre, como o equador, os polos, diversos territórios e cidades. As suas medições não eram perfeitas, mas representaram a alta tecnologia do seu tempo.

Lisboa está localizada 38° 43' a norte. Ptolomeu situou Lisboa 40° 15' a norte. Esta latitude corresponde a um erro de apenas 1,5°, o equivalente a 160 quilómetros mais a norte, na zona da Figueira da Foz. Será que devemos considerar isto um erro de grandes proporções?

Ptolomeu estimou a distância entre Lisboa e o equador em 4832 quilómetros. A distância exata é de 4666. Um erro de apenas 160 quilómetros num total de 4600. Parece ainda mais espantoso quando tomamos consciência de que Ptolomeu nunca visitou muitos desses locais, baseando-se só na informação recolhida de eruditos mais antigos, como Píteas e outros, que haviam viajado até àquelas paragens.

A *Geographia* não era infalível, mas o livro mostra-nos que quer a dimensão da Terra quer o seu formato em esfera eram dados já bem conhecidos mais de um milénio antes da célebre viagem de Colon.

Portanto, o conhecimento de que a Terra era esférica e das medições que permitiam determinar a localização de um navio em alto-mar não eram novidades para qualquer estudioso ou navegador no ano de 1492.

Na metade do mundo em que se situava a Europa, Ptolomeu já tinha desenhado os principais rios da Índia, o Indo e o Ganges. Além da Índia, mostrava a região de Sinae (China), tendo escrito: *Sinae... é terminada a leste pelo meridiano a linha dos [180 graus] que marca as terras desconhecidas*. Ptolomeu explicava, nesses termos, que o território de Sinae (muito além da Índia, a oriente) não era o fim do mundo. Para lá dos 180°, ele dizia haver ainda mais terra desconhecida (ver figura 1.2).

A informação de Ptolomeu bastava para, em 1492, se perceber que a Índia estava localizada dentro da metade do globo onde se incluía a Europa. Permitia, ainda, compreender que, além da Índia, havia outro enorme pedaço de terra conhecida, correspondente a parte da China, que ficava também dentro dos 180°. E que, para lá dessa linha, existia território ainda desconhecido no ano 150.

A Índia não era, de modo algum, uma terra desconhecida em 1492. Pelo contrário, era celebrizada há milhares de anos por ser uma

civilização rica, poderosa e evoluída. Sabia-se que ali viviam cristãos nestorianos, e que o apóstolo São Tomás tinha evangelizado e morrido por lá. Os eruditos também conheciam a história de Alexandre, o Grande, que tentara invadir e conquistar a Índia, e que as suas forças tinham sido derrotadas pelos exércitos e guerreiros indianos que encontrou pela frente, numa demonstração de que, já em 326 a. C., a Índia era uma potência de peso.

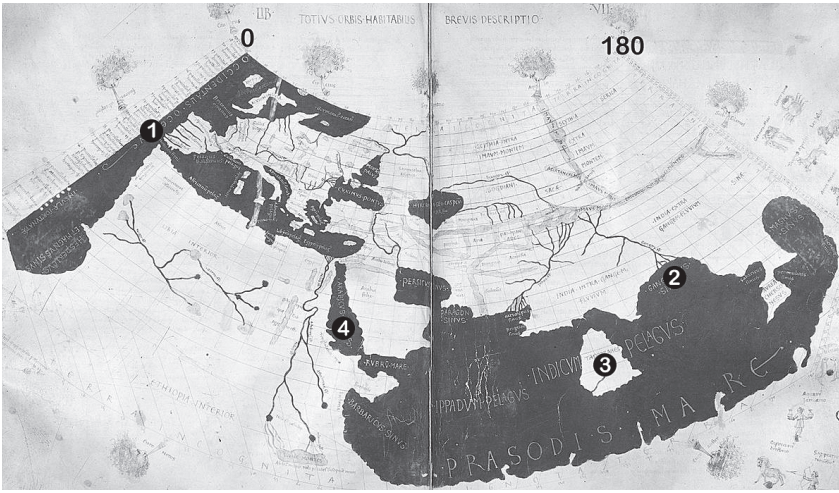


Figura 1.2: Este mapa no livro de Ptolomeu representa metade do mundo, das ilhas Canárias à China. Os apontamentos da nossa autoria mostram a linha 0° no topo esquerdo, a linha 180° no direito, o estreito de Gibraltar (1), a foz do rio Ganges (2), o Sri Lanka (3) e o mar Vermelho (4).

Pela sua cultura e características, a Índia e os seus habitantes nada tinham que se assemelhasse àquela terra de nativos nus e assustadiços que Cristóvão Colon encontrou nas Caraíbas em outubro de 1492. Bastaria ao navegador ter lido Ptolomeu para ficar com uma ideia muito nítida da distância que separava a Europa da Índia para leste, e da Índia à China mais a leste ainda, bem como da distância que teria de percorrer entre as Canárias e a Índia. Se atravessasse o Atlântico em direção ao Ocidente, precisaria de navegar 180° pelo Oriente para chegar apenas à linha dos 180° traçada por Ptolomeu a leste da Índia.

Existem provas suficientes da sua perícia em geografia e em navegação, o que nos permite contradizer grande parte da fábula que circula até hoje, e reescrever a História.

Agora, voltando ao Portugal da época de D. João II e de Colon, conseguimos reunir mais detalhes sobre os conhecimentos que ambos tinham de astronomia, geografia e navegação.

O rei fundou uma Junta dos Matemáticos incumbida de investigar de forma sistemática e de resolver os desafios que se deparavam aos navegadores. Também assume especial relevância o facto de Cristóvão Colon ter adquirido todos os seus conhecimentos de navegação durante esse período em Portugal. Os portugueses foram os primeiros europeus a criar um plano nacional de investigação em navegação no Atlântico. Tinham por missão navegar até ao equador, onde chegaram por volta de 1470, data da descoberta das ilhas de São Tomé e Príncipe. Em 1485, os cientistas portugueses já tinham criado uma carta, ou tabela de navegação na qual se assinalava a altura do Sol no equador.

Esta invenção inédita permitia aos navegadores medir a sua localização em plena luz do dia, poupando-os a terem de esperar pela noite para se guiarem pela Estrela Polar. E Colon esteve diretamente envolvido, com D. João II, neste segredo de alta tecnologia portuguesa (ver capítulo 10).

Um dos peritos implicados nestas investigações era Duarte Pacheco Pereira, um dos membros da Junta dos Matemáticos do rei. Ele fazia, também, parte dos 25 elementos da Guarda Real de D. João II, juntamente com Pedro Correia da Cunha, cunhado de Cristóvão Colon.

Embora conhecido pelos seus feitos enquanto guerreiro, na Índia, Duarte Pacheco Pereira era, na verdade, um génio em geografia e cosmografia, bem como em navegação. Viveu em Lisboa, de uma pensão real, e escreveu o livro de geografia *Esmeraldo de Situ Orbis*.⁵

A 7 de junho de 1494, o mesmo Duarte Pacheco Pereira, na qualidade de *continuo da Casa de El Rei de Portugal*, assinou o *Tratado de Tordesilhas* que dividia o mundo entre a Espanha e Portugal. No final do século xv, este grande cosmógrafo foi capaz de calcular o grau equatorial tão perto do seu verdadeiro tamanho, que levou cerca de 200 anos até que alguém conseguisse melhorá-lo.

Há uma quantidade enorme de imprecisões nos livros sobre aquela viagem de 1492, porque a componente portuguesa foi subestimada ou posta de lado. Devido à ignorância sobre factos da vida de Colon por parte dos portugueses, ou talvez por estes não estarem interessados em

corrigir e contradizer o que outros escreveram. A verdade é que consentiram que quer a razão da viagem de 1492 quer o grau de conhecimentos do navegador fossem incorretamente interpretados pelos estrangeiros. E é por a vida de Colon ter sido mal interpretada no passado que se torna necessário passar cautelosamente em revista todo o seu percurso. Pode alguém imaginar que, no final do século xv, numa altura em que os especialistas portugueses já tinham calculado a dimensão da Terra com uma precisão quase total, um navegador erudito como Cristóvão Colon, ainda por cima envolvido, ao serviço do rei D. João II, nos mesmos projetos e com os mesmos cientistas e instrumentos, tendo percorrido as mesmas rotas secretas, era incapaz de fazer semelhantes cálculos?

Cristóvão Colon não só viveu em Portugal e navegou com os portugueses em missões secretas às ordens de D. João II, como também o monarca o descreveu, em 1488, como *engenboso, industrioso e muito necessário* à Coroa.⁶

O navegador até teve acesso à *Tabela da Altura do Sol no Equador*, uma das armas secretas de D. João II. Será que ainda devemos continuar a aceitar que Colon, um homem tão respeitado pelo rei e com acesso às mesmas ciências de alta tecnologia utilizadas pelos restantes peritos em navegação portugueses, não iria saber como pôr em prática todos esses conhecimentos e técnicas de navegação e geografia?